

Seção: Clássicos Brasileiros
***O fazendeiro do Brazil* (Tomo I, 1ª parte)**
Frei José Mariano da Conceição Veloso

A obra *O fazendeiro do Brazil*, coleção ilustrada com 11 volumes, editada em Lisboa pelo frei José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811) era uma obra relativamente pouco conhecida até 2006, quando teve seu processo de digitalização concluído pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP) [http://www.ieb.usp.br/prj_especiais/brasilciencia/formBuscaBrasilCiencia.asp].

A seguir é apresentada a transcrição do português arcaico para o atual do tomo 1 da primeira parte. As três primeiras páginas são reproduzidas na íntegra para melhor conhecimento do original pelo leitor. A transcrição do original é de Angela Rosa da Silveira e a revisão técnica e notas de Carlos Engemann e Rogério Ribeiro de Oliveira.

O FAZENDEIRO
DO BRAZIL
Melhorado na economia rural dos generos já cul-
tivados, e de outros, que se podem introdu-
zir; e nas fabricas, que lhe são proprias,
segundo o melhor, que se tem es-
crito a este assumpto:
DEBAIXO DOS AUSPICIOS
E DE ORDEM
DE
SUA ALTEZA REAL
O
PRINCIPE DO BRAZIL
NOSSO SENHOR.
Colligido de Memorias Estrangeiras
POR
Fr. JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO,
*Menor Reformado da Provincia da Conceição
do Rio de Janeiro, &c.*
TOM. I. PART. I.
Da cultura das canas, e factura do assucar.



LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANN O M. DCC. XCVIII.

SENHOR.

COm o profundo respeito, com que devo apresentar-me a VOSSA ALTEZA, venho dar conta do trabalho, do qual em seu Augusto Nome fui incumbido, a saber: de ajuntar, e trasladar em Portuguez todas as Memorias Estrangeiras, que fossem convenientes aos Estabelecimentos do Brasil, para o melhoramento da sua economia rural, e das Fabricas, que della dependem, pelas quaes ajudados, houvessem de sahir do atrazo, e atonia, em que actualmente estão, e se pozessem ao nivel, com os das Nações nossas vizinhas, e rivaes no mesmo Continente, assim na quantidade, como na qualidade dos seus generos, e producções.

Em

ii

Em consequencia deste Mandamento tenho a honra de apresentar a VOSSA ALTEZA os primeiros Cadernos deste Volume, que fazem a Primeira Parte do Primeiro Tomo deste trabalho, que successivamente se hirá publicando, e abrangerá todos os objectos, que lhe são relativos, em mais Volumes. Neste, que pertence á cultura das Canas do Açúcar, e ao seu fabrico, apresento a VOSSA ALTEZA os Extractos do Livro V. de *Brian Edward*, sobre a Jamaica; do Cap. XXIX. e XXX. do *American Husbandry*; dos Artigos das Canas de *Miler*, e de varias outras Rapsodias, concernentes ao mesmo objecto, de novas variedades de Canas, vindas de Malabar, Otaheiti, e Batavia, introduzidas ultimamente nas Ilhas Francezas, e Inglezas, cuja introdução seria de summa utilidade nas Provincias do Brasil, sujeitas a seccas; a final da noticia da arvore Açucareira, tirada de *Zimmerman*, e de huma Folha Ingleza, supprindo, o que não traziaõ estes papeis, a respeito da sua retribuição, ou sangria, com o que copiei do Abbade *Valemont* na sua Obra *Curiosites sur la vegetation*. Conclui tudo com o plano da

Re-

Reforma das moendas , picadeiros , e fornalhas , proposta no Rio de Janeiro por *Jeronymo Vieira de Abreu*. E por não engrossar mais o Volume , deixei para huma Segunda Parte a traducção das Obras de *M. du Tro-ne* , e *Dubamel* , e de outros , ácerca do mesmo objecto. Para se facilitar o conhecimento das doutrinas expendidas neste trabalho , lhe fiz accrescentar as Estampas , que julguei necessarias , assim das plantas , como das máquinas.

Este he , Senhor , o methodo , que me propuz seguir , até a conclusão deste trabalho já avançado , em quanto ao que me pertence na maior parte , e com o qual , além deste , apresentarei a VOSSA ALTEZA , nestes mesmos dias , outra Primeira Parte do II. Tomo , que expoem as Memorias , que tractão da cultura da planta do Indigo , e do modo de se lhe extrahir a fecula colorante , chamada Anil , de grande interesse no Commercio , que deve ser continuado na sua Segunda Parte , com as Memorias da Planta da Cochonilha , do modo de a preparar ; das da Orelhana , ou Urucu , e sua fecula , &c. No III. Tomo igualmente dividido em Partes ;

* ii

of.

O FAZENDEIRO DO BRAZIL.

Transcrição do original: Angela Rosa da Silveira; revisão técnica e notas: Carlos Engemann e Rogério Ribeiro de Oliveira

SENHOR:

Com o profundo respeito, com que devo apresentar-me a Vossa Alteza, venho dar conta do trabalho, do qual em seu Augusto Nome fui incumbido, a saber: de ajuntar, e trasladar em português todas as Memórias Estrangeiras, que fossem convenientes aos Estabelecimentos do Brasil, para o melhoramento da sua economia rural, e das fábricas, que dela dependem, pelas quais ajudados, houvessem de sair do atraso, e atonia em que atualmente estão, e se pusessem ao nível, com as das Nações nossas vizinhas, e rivais no mesmo continente, assim na quantidade, como na qualidade dos seus gêneros e produções.

Em consequência deste Mandamento tenho a honra de apresentar a Vossa Alteza os primeiros cadernos deste volume, que fazem a primeira parte do Primeiro Tomo deste trabalho, que sucessivamente se irá publicando, e abrangerá todos os objetos, que lhe são relativos, em mais volumes. Neste, que pertence à cultura das Canas do Açúcar, e ao seu fabrico, apresento a Vossa Alteza os extratos do Livro V. de Brian Edward, sobre a Jamaica; do Cap. XXIX e XXX do American Hufbrandy; dos artigos das Canas de Miler, e de varias outras rapsódias, concernentes ao mesmo objeto, de novas variedades de Canas, vindas de Malabar, Otaheiti, e Batávia, introduzidas ultimamente nas Ilhas Francesas, e Inglesas, cuja introdução seria de suma utilidade nas Províncias do Brasil; sujeitas a secas; a final da notícia da árvore açucareira, tirada de Zimmermam, e de uma Folha Inglesa, suprimindo, o que não traziam estes papéis, a

respeito da sua celebração¹, ou sangria, com o que copiei do Abade Valemont na sua obra *Curiosites sur la vegetation*. Concluí tido com o plano da reforma das moendas, picadeiros e fornalhas, proposta no Rio de Janeiro por Jerônimo Vieira de Abreu. E por não engrossar mais o volume, deixei para uma segunda parte a tradução das obras de M. du Trone, e Dubamel, e de outros, acerca do mesmo objeto. Para se facilitar o conhecimento das doutrinas expendidas neste trabalho, lhe fiz acrescentar as estampas, que julguei necessárias, assim das plantas, como das máquinas Este é, Senhor, o método, que me propus seguir, até a conclusão deste trabalho já avançado, em quanto ao que me pertence na maior parte, e com o qual, além deste, apresentarei a Vossa Alteza, nestes mesmos dias, outra Primeira Parte do II Tomo, que expõe as Memórias, que trarão da cultura da planta do Índigo, e do modo de se lhe extrair a fécula colorante, chamada Anil, de grande interesse no comércio, que deve ser continuado na sua Segunda Parte, com as Memórias da Planta da Cochonilha, do modo de a preparar; das da Orelhana, ou Urucu, e sua fécula, etc. No III Tomo igualmente dividido em partes; oferecerei a Vossa Alteza as Memórias pertencentes ao Café, Cacau, Congonha, ou Thé do Paraguai, Guaraná. No IV as que tratam das Especiarias já introduzidas; das que se podem introduzir de novo; e das que são nativas do país. No V. do Algodão, Tabaco, Canhemo, etc.

Desta sorte procurarei, quanto permitirem minhas débeis forças, encher as reais invenções de Vossa Alteza, ajuntando e traduzindo tudo, o que julgar útil a economia rural desta arrendável porção dos Vassalos de Vossa Alteza, estabelecidos fora dos fogões pátrios, mas dentro dos seus reais domínios, não a custa de algum particular; mas de Vossa Alteza, e que neles sustentam com honra, e brio a gloria do invencível nome Português, concorrendo em tudo, e por tudo com a massa total da Nação, e constituindo-se beneméritos da alta proteção de Vossa Alteza.

Coelum, non animum, qui trans mare currunt.²

Horat. Ep. I

Independente, porém dos juízos posteriores que eles, ao depois de uma constante prática, devem fazer do merecimento destas Memórias, ou da bondade dos meios, que

¹ Celebração: do que lhe tornava célebre.

² Para quem atravessa o mar, não é o céu que muda seu ânimo.

Horácio, epístola 1.

elas lhes darão para o adiantamento, e melhoramento das suas práticas rurais, os quais só a eles plantadores e fabricantes podem competir, não tenho dúvida que hajam de ser favoráveis, como mostram os fatos das Nações vizinhas, sumamente superiores a nós nas suas exportações; por isso rogo a Vossa Alteza a inestimável graça de poder beijar as reais mãos benfeitoras de Vossa Alteza por esta dignação emanada singularmente da grandeza do seu real ânimo, e coração, em nome destes mesmos povos; pois suponho que, como eu, se penetraram dos maiores sentimentos de ternura, gratidão e reconhecimento por uma tão assinalada mercê, da qual se não achara um exemplo nos dois séculos e meio decorridos da época do estabelecimento daquelas Colônias. Eles com toda a efusão dos seus corações darão mil vivas a Vossa Alteza, e bendirão os seus preciosos dias; pois este fato lhes vai fazer ver com evidência: que Vossa Alteza, sem distinção de lugares, só tem uma filiação Política; que a justiça do coração de Vossa Alteza, como o de David, tem o seu molde no de Deus, e que as suas luzes são, como as de Salomão, sobrenaturais.

E quanto senão regozijarão de conhecerem que vem repulsando³ em Vossa Alteza aquele mesmo espírito de beneficência, e predileção, que tiveram todos os Senhores Reis de Portugal do Augusto, e Real Nome de Vossa Alteza para que este país, em que vivem tão fiéis vassalos. O Augusto nome de Vossa Alteza é um seguro penhor da proteção, que espera a sua filiação Brasileira. Permita Vossa Alteza que eu possa provar brevemente este pensamento.

Quando se esquecerá o Brasil do Senhor D. João III? Este sábio Príncipe, longe de estar os seus olhos nos luminosos raios, que campeiam no Asiático berço do Sol, como o tinha feito seu Augusto Pai, o Senhor D. Manuel, preferiu antes seguir as suas luzes no seu túmulo. Ele anteviu que aqui era onde se deveria assentar uma das bases do Lusitano Império. Reparte as suas terras em porções de cinquenta léguas de costas. Ajuda aos donatários a povoar os seus quinhões. E porque sucumbiu o de Paraoçu⁴, fazendo dela reversão à Coroa, manda edificar à custa do seu Real Erário a Cidade, que foste a principal entre as do Brasil. Paraoçu passa a ser Bahia de Todos os Santos, e a Cidade, que deveria chamar-se Real João, cede do seu nome, em obséquio ao Redentor do mundo e manda pôr o de Salvador: e assim passou a ser Soteropole⁵, a que era pela

³ Repulsando: latente, pulsando repetidamente.

⁴ Paraoçu: nome dado, originalmente, à região da Baía de Todos os Santos, seu significado é grande água. Aqui parece estar se referindo à capitania da Bahia, que em pouco tempo foi abandonada e revertida à Coroa.

⁵ Soterópole: cidade do Salvador.

sua fundação Joanopole. A antiga Bizâncio para ser Constantino. E que cuidados lhe não deve a ela, e todo o Brasil, durante a sua preciosa vida! Que decaimento, não teve com a perda de tão grande Soberano? As histórias o contam.

Quando se esquecerá o Brasil, do que deve ao Senhor D. João IV? Esta nascente Província, apenas contava quarenta e tantos anos do seu estabelecimento, quando se viu com o Reino, arrastando os pesados grilhões do cativo Castelo. Mas apenas o Íncrito Libertador toma o leme do Governo, empunha o cetro dos seus maiores, com este feliz anuncio simultaneamente ordena a Salvador Correa de Sá um novo estabelecimento na costa da África, donde passem braços àquele Continente. Que mais podia o Brasil pedir ao seu Soberano, se antevisse a sua elevação ao Trono, no instante em que o conseguiu?

Permita-me Vossa Alteza que, para desvanecimento meu, possa por um momento demorar-me sobre a correspondência dos meus compatriotas as finezas deste Soberano. Logo que nas praias do Brasil soou o seu nome Augusto, digo daquele João, o seu Augusto Libertador, e Soberano; logo, que das suas terras do interior por um ato reflexo voltou sobre os povos o doce eco de João, gritaram – Viva: João e o nosso amável Soberano! – despedacem-se as cadeias, que a tantos anos nos sopeão⁶. Por todo o Brasil se desgrenha a juba do Europeu Leão, e se lhe despontam as garras pela aclamação do seu Natural Senhor. Paranaíbuco⁷ aponta a barra, ao depois de bem cortados com o ferro dos seus Engenhos, aos sórdidos filhos dos brejais da Europa. A Bahia corre em seu socorro. Unidas estas duas Províncias, as sete de Holanda farão vista pelas costas. O Pará voa em favor do Maranhão. Anoitecerão os Holandeses, mas não amanhecerão, pois cobertos das sombras da noite fugirão ao castigo da traição, com que o tinham tomado. O Rio de Janeiro, como não tinha inimigos em casa, que combate, em virtude da Ordem Soberana, que mandava estabelecer em África um Porto, os foi buscar fora, pois, não achando Porto, que fosse cômodo, interpretando a vontade do seu Monarca, antes que o inimigo o visse levantar o braço para os golpes, lhes descarregou. A ele foi que coube a restauração de Luanda, com a qual animado, com o mesmo serro, foi restaurar S. Thomé. Assim, sem socorro do Reino, no Brasil e África se aclamarão vencedores; e voltando-se as cenas, passarão os antigos Senhores intrusos, a serem escravos legítimos. A fidelidade brasileira, unida a do Reino, inteirarão na posse de um,

⁶ Sopeam: constringem, restringem os movimentos, prendem.

⁷ Paranaíbuco: Província de Pernambuco, aqui apontada, junto com a Bahia, como responsável pela libertação do Brasil da possessão dos holandeses (filhos dos brejais).

e outro a seu legítimo Senhor. O Senhor D. João IV, para satisfazer as gentilezas destas ações, instituiu o Conselho Ultramarino, que fosse para eles, o que o Desembargo para o Reino, a fim de terem mais pronta expedição os seus requerimentos.

Quando se esquecerá o Brasil do Senhor D. João V? Parece que este Soberano, Augusto Bisavô, e Avô de Vossa Alteza, levaram a barra muito mais adiante, que seus gloriosos antecessores. Sim; não satisfeito com fazer a novas Províncias de Minas, de Goiás, do Mato Grosso, do Rio Grande; de ter formado novos Bispados, e Governos, levantado Cidades, e Vilas, elevou o Brasil a Principado, e o honrou, fazendo-o pertencer ao herdeiro presuntivo da Coroa. Parece que na Coluna da Beneficência Regia se gravou o *non plus ultra*⁸.

E para que entre os Joãos um só não haja, a quem não sejamos devedores de algum benefício, confessamos: que; se o Senhor D. João I não levasse à África os Portugueses, se o Senhor D. João II não prosseguisse nos descobrimentos de seu tio avô, o Senhor Infante D. Henrique, senão teriam animado os Portugueses a deixar os seus fogões, para passar a Ceuta, costear África, descobrir a Índia, e povoar o Brasil.

Mas Vossa Alteza Real pelas suas grandes luzes parece estar disposto a fazer maiores favores ao seu Principado, do que fizeram seus Augustos Avôs, que, como já disse, não só não foram indiferentes, mas que positivamente o honrarão sobre maneira. E certo que, devendo ser o estabelecimento da agricultura o objeto da maior contemplação das Colônias; porque só ela tem em o seu poder o dar as matérias primeiras⁹ as artes, e fabricas, e por consequência gêneros ao comércio, aumento à navegação, sobras, e reexportação ao Reino; e em uma palavra riqueza, a massa total da Nação, com tudo, nem no prático, nem no especulativo animaram os nossos Cultivadores a este alvo; e por isto estes, saltos da energia, de que são capazes, se vêm hoje decaídos, e atrasados. Desde meado do século passado foram animados por cartas ao seu abandono, para penetrarem os sertões, atravessarem emaranhadas matas, treparem inacessíveis serras, vadearem caudalosos rios, socavarem terras, furarem montes, na diligência de encontrarem o ouro. Que tempo senão perdeu nestas diligências de o procurar, como se fosse um bem real. Quantas despesas para possuir um bem imaginário, aparente, e momentâneo; e que só é, em quanto o representa? As quais, se fossem feitas para aperfeiçoar a agricultura, e melhorar as suas fábricas e instrumentos, de quantos bens reais não nós teria feito abundar? Eles, finalmente

⁸ *Non plus ultra*: não ultrapassar (expressão comum em mapas antigos, indicando limites de navegação).

⁹ Matérias primeiras: matérias primas

animados pelas vozes Reais o descobriram. Há cem anos, que se goza este mesquinho bem imaginário, mas, entretanto, tendo-se tirado muito, não se sabe, onde para.

Vossa Alteza, pelo contrário, abre a luminosa carreira do seu iluminado Governo, procurando estabelecer o bem real de todos os seus vassallos, sobre as solidíssimas bases da bem entendida agricultura. Procura fazer-lhes ver pelas memórias, mandadas imprimir a custa da Real Fazenda, quais sejam as melhores práticas da Economia Rural, descobertas por aquelas Nações, que mais as tem adiantado, e que, as suas exportações se avantajarão com tanto excesso as nossas. Que, tendo recebido de nós os primeiros elementos, neste continente, os têm feito chegar a tanta perfeição, que nós vemos obrigados a ser seus discípulos. Vossa Alteza não quer, que só se melhore uma, ou outra em particular, mas que todas em comum, e que se introduzam novos ramos compatíveis com o país. Vossa Alteza quer o todo da Nação respeitado, e feliz em todos os seus lados.

A que fim tendem os novos estabelecimentos da Marinha Real, com tanta justiça contemplada, e onde uma e outra Palas, melhor que em qualquer outra parte, se gloria hoje honrada, e exaltada? A que outro fim, se dirigem as obras científicas, que se tem mandado reimprimir a custa de Vossa Alteza? O desconhecimento das línguas estranhas, não será a desculpa de se não saberem as suas práticas e teorias. Que direi dos novos Tutelares das Matas Brasileiras, os Intendentes da Marinha dos Correios Marítimos, dos do interior do Brasil, senão que, tendendo tudo a estreitar mais os laços entre os vassallos de Vossa Alteza; concorrerão a que se recolha nos regaços de uns e outros, toda a felicidade, de que o descuido, e a falta de indústria os têm privado até agora.

Mas eu, Senhor, que nasci no Brasil, e que nele estive mais de quarenta anos, que vi, e pisei três das suas mais notáveis Capitânicas: Minas Gerais, S. Paulo, Rio, e o Governo do Espírito Santo, não posso ser insensível à acertada resolução de Vossa Alteza, quando promove a conservação das Matas Brasileiras; por tanto devo por na presença de Vossa Alteza as reflexões, a que me obrigaram as minhas viagens botânicas.

Arrazoadamente disse o Alemão Zimmerman: que no antigo mundo não havia país algum que pudesse apresentar uma Flora igual na riqueza à da América; pois que as suas soberbíssimas matas excediam a tudo quanto se podia encontrar nas partes mais favorecidas da Europa; que o valor das suas espécies vegetais, pela fineza dos seus

lenhos, perfume dos seus bálsamos, bondade das suas gomas, resinas, óleos, ceras, tintas, as faziam impagáveis.

O Inglês Edward se conformou a sua opinião, dizendo: Que estes pomares do Sol, matas de perpétua verdura, subiam a uma altura nunca vista nos climas frios, e nas infecundas terras da Europa. Que não podia haver comparação entre o carvalho e o cedro mahogani, avançando este noventa pés de altura. Que mata Européia, pergunta ele, deu jamais um pão como a ceiba, que ele só cavado admita, como ela, cem pessoas no seu seio? Que árvore temos, que possa por se só formar um bosque, como a Bananeira, rainha de todas, que abrange com seu império todas as três partes do mundo, África, Ásia e as Províncias entretrópicas¹⁰ d'América. Ela mereceu ao grande Milton cantá-la no seu Poema do Paraíso Perdido. E tão grande a circunferência da sua touça, que Marsden, medindo uma na Índia, achou mil cento e sessenta e seis pés.¹¹ Que alameda pode ser comparada, a que fazem as palmeiras, já na elegância, e ajuntamento de seus troncos, que representam majestosas colunatas, já no frondoso de suas copas, que oferecem verdes dóceis; os quais embaraçam sim os raios do sol, mas não impedem a circulação do ar. Nada ao testemunho destes autores acrescento, por fugir à difusão, a respeito da corpulência, e altura das nossas árvores. Tudo assim é.

Mas por ventura a Natureza será tão liberal, por não dizer monstruosa, na produção destas matas preciosas, que, suposta a sua abundância nos Reais Domínios de Vossa Alteza, possamos satisfazer as nossas necessidades presentes e a dos vindouros, dispondo delas com a mesma franqueza, sem economia alguma, sem o receio de virem a faltar para o futuro. Ou acaso a sorte do Brasil poderá vir a aproximar-se a da Europa, e particularmente a de Portugal, onde já se sente tanto a sua falta? Certamente a devemos rezear; pela continuação do presente sistema, praticado no Brasil, onde de necessidade deve para o futuro tornar-se difícil e caro este precioso donativo da Natureza. Ainda que a extensão dos Domínios de Vossa Alteza seja tão considerável, sem erro não poderíamos contemplá-la toda coberta de matos, e ainda que o fosse, sempre seria necessária toda a economia na sua destruição, e com particularidade naqueles lugares, que ficam contíguos as povoações, as bordas dos rios e mares. Faltando estas produções, que custam séculos à Natureza, ainda havendo-as no interior, a que preço não chegou pela dificuldade dos transportes.

¹⁰ Entretrópicas: intertrópicas.

¹¹ Cerca de 1,3m de diâmetro.

Não é Senhor, a abundância de matas tantas, quanta se representa a primeira vista. Descontem-se, 1- a superfície dos seus máximos, e multiplicados rios, como o Grão Pará, Prata, S. Francisco, cujas embocaduras se medem por dezenas de léguas, e o seu comprimento por milhares, 2- as suas grandes baías, como a de Todos os Santos, Rio de Janeiro, Ilha Grande, etc.3- As suas máximas lagoas, como a de Merim no Rio Grande, que navegam navios, Iguaçu nos Goytacazes com dezoito léguas de circunferência, recebendo na sua concha três partes destes delatados campos nas suas inundações, 4-as suas vastíssimas campinas conhecidas pelo nome de Campos Gerais, como é as do Rio das mortes, Sabará, S. Paulo, Goiás, Curitiba, Rio Grande do Sul, onde são raras as matas de arvores de construção, 5- Os matos catingais, ou carrasquinhos, que não admitem cultura; os cerrados das margens do Paraná, e Rio de S. Francisco, ou Catandubas, que só servem para pastos. Descontem-se, 6- e último os grandes, e descalvados serro¹². À vista destes descontos será muito menor a superfície coberta de matas, relativamente ao todo das possessões de Vossa Alteza.

E se este é o estado primitivo e natural da superfície do Brasil, quanto não se terá este deteriorado, pela mal entendida Agricultura de seus habitantes, desde a época do seu descobrimento, até o presente, por dois séculos e meio? As suposições seguintes darão em grosso uma idéia; e senão derem um cálculo certo, o darão aproximado. Suponha-se que o Brasil tenha um milhão de escravos, e que só a terceira parte destes, se emprega na agricultura; logo teremos trezentos e trinta mil homens ocupados efetivamente em derribar matas, em razão proporcionalmente do aumento da população, até pô-los em setaes e sapezaes¹³, ou sem torrão produtivo. Não há outra lavoura, outro amanho no Brasil, senão derribar matas. Que extensão de terras não tem sido descortinada pelos proprietários de Engenhos, para a construção das suas fábricas, para a plantação das suas canas, para a combustão das fornalhas de caldeiras, e do alambique, para a feitura das suas caixas? Quantos lenhos preciosos não serão vítimas das suas mal construídas fornalhas, que deveriam ter outro feitio e consumir outro pábulo e aqueles com maior utilidade serem empregados nas necessidades do Estado. A pobre Natureza vegetante, que sofre a todas as nossas necessidades e anualmente assassinada nestas máquinas açucareira, pela indiferença de seus donos. E o que aumenta mais a gravidade desta perda, é o local, em que estão situadas; porque

¹² Serro: serra, monte.

¹³ Velloso provavelmente está se referindo a duas gramíneas (=Poaceae): *Imperata brasiliensis* Trin. (sapê) e *Tristachya leiostachya* Nees. (capim seta), espécies que ocorrem em terras degradadas.

ordinariamente estão, onde parece que deveria haver toda a reserva nas matas, por ser pelas bordas dos rios, e do mar, em ordem a facilidade dos seus transportes.

É incalculável o estrago que as roças de milho têm feito nas matas do interior. Ao mal se caminha por diferentes veredas; mas como estas não são precisas para a construção, ainda que seja grande o seu mal, não é de tanta conseqüência. Calcula-se uma roça destas em 25 a 50 alqueires do Brasil, que são 75 a 150 de Portugal. Esta semente se introduz na terra a seis palmos de distancia uma da outra, ou como dizem, de um cabo de enxada, lançam-se em cada cova quatro ou cinco grãos. Que extensão de superfície não requer esta plantação? Que quantidade de matos senão deve derribar todos os anos. O milho faz a base de toda a sustentação animal do interior; mas não poderia ser cultivado de outra maneira? Não se lhe poderia substituir outro grão, que pedisse menos terra?

Quantas matas não têm destruído os Mineiros? Estes ainda são piores, que todos os antecedentes; porque, não satisfeitos com as derribadas, como aqueles, revolvem os montes com as bases para o céu, voltam às margens dos rios em lagoas, e em qualquer parte, que trabalhem, fica esta inabilitada para produzir coisa alguma mais. Que coisa mais desagradável à vista, que painel mais triste, que ver tanta terra reduzida a Goapiaras, e tantas outras várzeas em socavões, lagos, e montanhas desordenadas de cascalhos! E quanta madeira não gastam em cercos de rios, rodas de lançar água fora dos serviços, em estacas galerias das lavras, esgotos, etc? Contem-se os pretos empregados em minerar, e os anos, e se ajunte tudo ao terreno, a que a natureza não deu matas, e se verá quão grande não é a extensão de superfície, que carece delas, e se respeitarão como santas as leis, que dificultarem o seu acesso, e vedarem as derribadas, a não serem por fins de outras necessidades.

Acrescente-se quanta madeira não se precisa para o consumo das grandes povoações de beira mar, assim para os edifícios, como para o fogo: quanta lenha se não gasta diariamente nos fogões de um continente, onde senão contentam com carvões, mas só com achas; onde se não fazem os carvões das cepas, ou raízes de árvores, mas dos troncos, onde ainda hoje se ignora que hajam turfas, e carvões de pedras, ou outro qualquer combustível. Afinal, a que se transporta para a Europa anualmente, assim para particulares, como para o público. Tudo isto faz ver que todos os anos se descobrem muitas milhas, ou léguas de terra cobertas de matos, que tarde, ou nunca, se tornarão a cobrir sem a circunvolução de muitos séculos; que se estragam muitos milhares de

generosas madeiras, que só deveriam ser cortadas com prudência, e discricção, e só para fins necessários, que não pudessem ter substituições de outra natureza.

Dizia um grande Ministro de Vossa Alteza, e da Repartição da Marinha Real: Que haviam duzentos e tantos anos, que estávamos empenhados em destruir as matas do Brasil, (isto é verdade pelo que acabo de dizer) mas que ainda o não tínhamos podido conseguir (esta segunda parte deve ser entendida com restrição, ou relação à grande abundância, que tem havido, e se tira atualmente). As matas são finitas. Quantos engenhos de açúcar não têm deixado de ser, pela falta deste combustível? A Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, foi chamada antigamente de sete Engenhos, hoje tem um, e este insignificante. Quantas grandes fazendas se acham reduzidas a taperas, porque os seus matos se converteram em cafezais e setaes, pelos errados princípios da sua agricultura? As Câmeras do Rio das Mortes, a mais de trinta anos, mandaram plantar Pinheiros. A de Vila Rica, antigamente chamada Mato Dentro, hoje não tem algum, e da Paraopeba, e partes remotas recebe os mantimentos. As grandes povoações de beira mar, pelo mesmo teor os recebe de outros pequenos Portos colaterais distantes. A continuar-se a mesma pratica as terras, lhe saltarão tais paus preciosos, como acontece ao pau Brasil em Paranambuco, como o Brasileto na Jamaica.

Ainda há outro mal na falta de matos, em nada inferior, a estes que acabei de dizer, e só tocarei de passagem, e vem a ser, redução da terra a um sequeiro, porque, à proporção que aqueles se devastam, as águas minguem, as chuvas faltam. As matas não só abrigam, as que a terra já tem recebido no seu seio, entancado¹⁴ para as despesas diárias do globo, mediante as fontes, contra as evaporações, a que a obrigam as succussões dos ventos, e os raios do sol; mas também por meio dos seus ramos, como pontas elétricas atraem, as que se acham espalhadas pelo ar. Estas desatam as nuvens, obrigam a descerem copiosas águas. Neste fato da Natureza se fundam as Ordens Reais, que vedam aos lavradores o corte dos matos nas paragens, em que os mineiros têm águas para as lavagens, do ouro. O desconhecimento desta ordem da Natureza fez que as Maurícias, as quais, antes das derribadas dos seus matos, eram aquosas, fossem secas ao depois pela sua falta. Talvez esta seja uma das causas das grandes que às vezes experimentam os sertões credores de Paranambuc; pois em lugar de matos altos tem cerrados e catandubas. Em fim, elas são as tutoras e dispenseiras das águas. E que será

¹⁴ Entancado: represado em tanque, estocado, guardado.

de um país, quando estas faltem, onde o sol fere a prumo com os seus raios? Despovoar-se-á como acontece a Espanha com a seca de sete anos.

A estes grandes males, é que Vossa Alteza vai atender com as fábricas, e providentíssimas leis, que ultimamente promulgou para a sua conservação. A docilidade, racionalidade e obediência destes povos meus co-vassallos, e compatriotas me dão um seguro penhor de que, cooperando com, as Reais vistas de Vossa Alteza, se esforçaram na conservação destas porções de superfície, que fazem tão vistoso aquele país, como foram na antiguidade Jardins de Éden, os Hortos de Semíramis e Pesto.

Mas preciso que abandonem a tosca e grosseira economia rural dos primitivos inquilinos do Brasil, a qual eles ainda fazem sem comparação pior; porque os índios soltos de ferros, esgalhavam as árvores e mediante a combustão destes esgalhos¹⁵, e o seu çaracoa¹⁶, ou pau com a ponta tostada para as covas, faziam a mesquinha agricultura da sua mandioca. Os multiplicadores frutos, que davam as matas, cocos, pinhões, sapucaias, jabuticabas, etc., os palmitos, ou grelos das palmeiras, a volataria, montaria imensa das mesmas, e o peixe faziam o resto dos provimentos de milhões de almas, que neles viviam, e assim as conservarão por milhares de séculos. Os Europeus, Senhores do ferro, adotando a sua cultura, surrogaram¹⁷ aos paus de ponta, os machados, foices, e enxadas, e em lugar dos esgalhos cortam os troncos, e os destroem na sua totalidade. Cartago, Tróia, não virão certamente maiores montes de cinzas, quando foram abrasadas, do que se vêm nas roças do Brasil, com que se destroem estas importantíssimas, e belíssimas matas anualmente.

Queiram eles, mais cordatos, e advertidos, novamente fazer outra substituição, admitindo na sua economia rural em lugar de escravos ou racionais, os irracionais, bois, cavalos, bestas muares; em lugar de machados, foices, e enxadas, arados, charruas; em lugar das cinzas de lenhos, tão preciosos, e necessários, marnes, estrumes, e todos os outros adubos; em uma palavra; tudo quanto a sabia, e iluminada Europa usa nas suas lavouras; conheceram então os multiplicados proveitos, de que os privam a sua cega, perniciosa, e antiga rotina das derribadas. A diferença dos climas, das terras, dos gêneros de cultura, é especiosa, e fútil. A natureza é a mesma em toda a parte.

Podia-se facilitar (diz Miller o mais sábio agricultor da Inglaterra) a cultura, se os habitantes das nossas Colônias da América, quisessem servir-se de uma charrua;

¹⁵ Esgalhos: galhos, ramos ou protuberâncias no tronco da árvore que não florescem em ramos.

¹⁶ sucho

¹⁷ Surrogaram: sucumbiram.

porque com este instrumento, e duas pessoas fariam em um dia muito mais trabalho, do que aquele que poderiam fazer vinte pessoas, pelo método que praticam.

Duas bestas, um só homem (diz o autor da Agricultura Americana) farão mais serviços em um só dia, que vinte bons escravos. – Duas ou três bestas murais, ou bois, um arado, dois homens, fariam maior quantidade de trabalho na preparação de qualquer terreno, que trinta e cinco escravos. – Um arado com duas, três, quatro bestas, trabalharam mais que cem pretos. O francês Dijonval entusiasmou-se tanto contra as enxadas, que persuadiu a vários negociantes dos Porto de França, a mandarem navios carregados de arados as suas Ilhas. As memórias traduzidas darão os discursos destes autores.

Que proveitos lhe não resultariam desta mudança sábia, e prudente? As matas que restam se conservariam, e continuariam a dar os mesmos censos, que pagavam aos seus primitivos possuidores, de frutos, de aves, de quadrúpedes, de madeiras, de lenhas: os campos vastíssimos, até aqui reputados infecundos, se voltariam fertilíssimos: as terras, que se dizem cansadas, e estão reduzidas a setaes, e ótimos frutos: não se precisaria de tanta extensão de terra, para se fundarem fazendas lucrativas: poupar-se-ia toda a despesa, que se faz com a compra dos escravos, seu sustento, e manutenção; e estes se aplicariam a extração do ouro: as lavouras estariam mais próximas das vivendas, e não tão distantes: os prédios adquiririam maior estabilidade, e não caducariam todos os anos, ou como dizem, se reduziriam a taperas: a final, os particulares, e o estado se felicitarão extraordinária, e mutuamente.

Os proprietários de Engenho de açúcar, aguardente, não deveriam ser menos cuidadosos na conservação das matas, pela maior necessidade, que têm de madeiras, e lenhas, estudando todos os meios possíveis de as pouparem, que podia ser, reformando as suas fornalhas tão despropositadas, que parecem vulcões de perpetuas lavaredas, em que, como cantou o poeta,

Qua vi o preduris ferme nemora intgra contis
Inducunt famuli. Vergrandia robora primo
Obtrudunt.¹⁸

Amaral.

¹⁸ Os servos mandam geralmente com força cortar bosques inteiros com varas resistentes e derrubam com violência forças tão frágeis.

Pelo plano que aqui se lhes oferece, no qual se poupam duas terças partes da lenha, ou por outros dos, quais se tratará; pela substituição dos bagaços das próprias canas, como fazem os Ingleses, e Franceses nos seus Engenhos, e se expõe neste trabalho. Mas como lhes sejam indispensáveis os matos, para ajudar os bagaços nas fornalhas de cozer e destilar e fornos de cal e tijolo, tendo-os ainda, deveriam reservar uma terceira parte das suas terras, para a sua conservação, como por lei se pratica nos Engenhos da Jamaica; não os tendo, deveriam plantar a mesma extensão de terreno no Brasil de matos, por qualquer dos modos, com que se pratica na Europa. No Brasil vêm as árvores, ainda as de lei, muito bem de estaca, como se observa nos currais, e cercas, especialmente o chamado cedro, etc. Consultariam assim a perpetuidade do valor dos seus Engenhos, a herança de seus filhos e a causa pública ganharia. Quanto não seria útil que os Magistrados do Brasil fossem também cuidando na fundação de algumas matas públicas, dos seus mais preciosos lenhos vinháticos, tapinhoã, etc.

E para que Vossa Alteza veja, quanto tem perdido o Brasil, pela sua mal entendida agricultura, e quanto ainda pode melhorar no fausto, e feliz Reinado de Vossa Alteza, apresento a Vossa Alteza brevemente dois mapas, um da exportação, e rendimento da Jamaica, outro das Barbadas. A primeira exportou em 1788, em açúcar 3.762.192 arrobas; em Rum 2543. 025 galões; em melaços 6.416 galões, e outros gêneros, etc., que tudo importou em libras 2.136.442 (7.691.191.200).

Para se dar valor à grande cultura da Jamaica é preciso saber a pequena extensão de terra, que ela pode cultivar comparativamente a grandeza de qualquer dos Donatários, ou Capitánias, de beira mar do Brasil; porque estas, em terras de lavoura, têm quatro tantos mais que a Jamaica; pois tem 2.500 léguas (multiplicados dois lados de 50 léguas) quando aquela só tem 500, nas quais tem 714 Engenhos a 900 acres cada um, e 400 menores Granjas de 700, acrescentando que a terceira parte das terras de cada Engenho se conserva por lei em matos, para a serventia dos mesmos Engenhos, que devem entrar na conta das que não estão em cultura: além disto, planta mantimentos para 280.000 pessoas, e tem 13.576 animais. Exportação certamente, que não dá, não digo, qualquer das maiores Capitánias do Brasil, mas nem todas juntas; apesar das suas grandes sesmarias, multidão de matas, e escravos.

A pequena Ilha de Barbadas, descoberta pelos Portugueses, nas viagens do Brasil, que lhes deram o nome, e que pela sua pequenez a desprezaram, como afirma Edward, tem de superfície pouco mais de cem mil acres, vem a ser o seu total uma décima parte, da que Jamaica tem em cultura, ou nove partes menores. Abatendo-se as

partes não cultivadas, e as que se cultivam para sustentar a sua população, que é de 150.000 mil almas, e os seus animais, julga-se, que só a quarta parte da Ilha, que são vinte e cinco mil acres, é a que produz os gêneros, que se exportam, de Açúcar, Rum, Melão, Gengibre, etc., cujo valor se calcula em 537.982 libras (1.926.735.200 reis) pouco menos de cinco milhões de cruzados. Vinte e cinco mil acres ainda é menos que vinte e cinco léguas quadradas. Em que parte se achará no Brasil uma superfície tão pequena, com tanto rendimento todos os anos, e a muitos?

Por ventura, se, quando descobrimos esta Ilha, lhe impusemos o nome, afugentamos os seus primitivos habitantes, lançamos nela animais cerdosos, a povoássemos, a cultivássemos dariam este rendimento? Certamente que não, porque as terras do Brasil em nada são inferiores, sim a nossa cultura, e até agora não fizemos outro tanto. Logo também a medida, que aqui encontramos, é a do nosso descuido.

Sim, Excelso e Augusto Príncipe e Senhor nosso, a relevância destes objetos foi, a que os fez dignos da alta contemplação de Vossa Alteza, a cujas luzes era impossível que ela escapasse. Se V. Alteza continua a olhar para o seu Principado, verá sensivelmente crescer a felicidade de todos os seus vassallos, pela ampliação do comércio. Abençoe, e prospere o céu as sábias, e luminosas determinações de V. Alteza, espalhando, e derramando as mãos cheias milhares de felicidade, e bens sobre os povos, que tem a dita, e honra de mandarem a confissão da sua vassalagem ao Supedâneo do trono de V. Alteza, de qualquer ponto do Globo, em que vivem, por mais distante que este seja; e permita-me V. Alteza que eu dos pés de V. Alteza possa bradar aos meus conterrâneos.

O fortunatos nimium, si sua bona norint,
Agrícolas !¹⁹

Virgil.

No entanto prostrado, Senhor, na presença de V. Alteza, confesso que desejaria ter dois corações; porque tenho um de V. Alteza por necessidade, em razão de nascimento, seria o outro tributo livre de gratidão, com que é

¹⁹ Ó demasiadamente felizes agricultores, se conhecessem a sua felicidade!

Virgílio

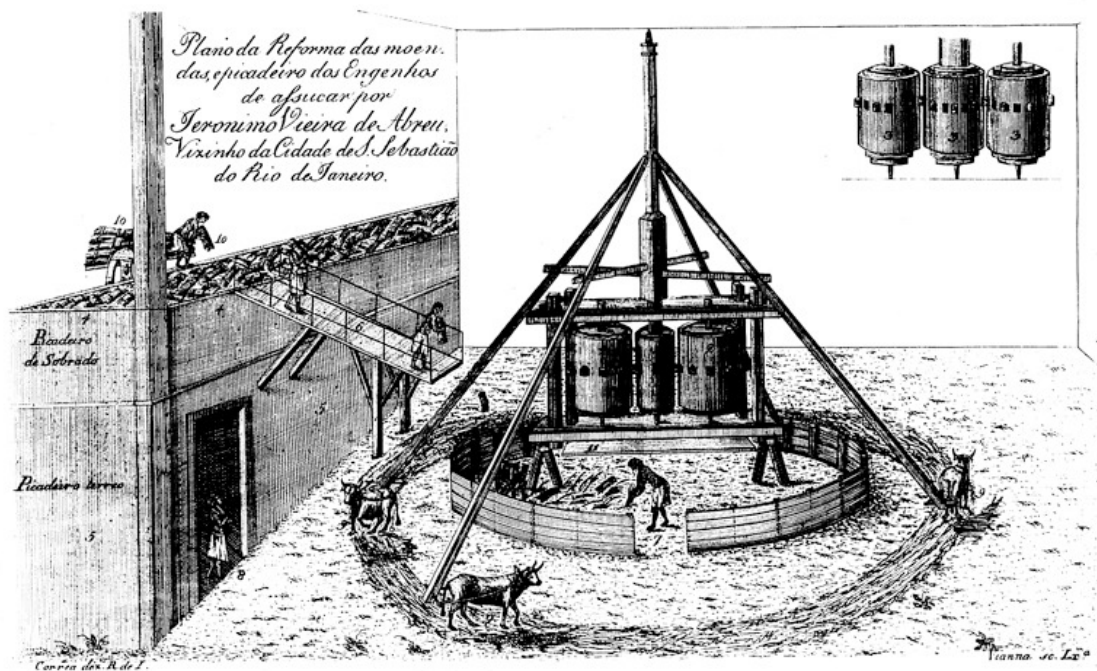
De Vossa Alteza

o mais humilde vassalo

Fr. José Mariano da Conceição Velloso.

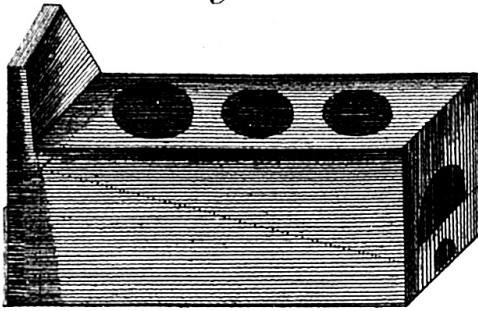
Agradecimentos: Rogério Ribeiro de Oliveira e Carlos Engemann são gratos a D. José Carlos de Lima Vaz, SJ (*in memoriam*), pela tradução dos textos latinos.

A seguir, duas ilustrações originais da obra de Velloso, uma de uma moenda suspensa e outra de uma fornalha mais eficiente em termos energéticos.



Fornalha Antiga

Fig. 1.



Fornalha Nova Est. 3

Fig. 1.

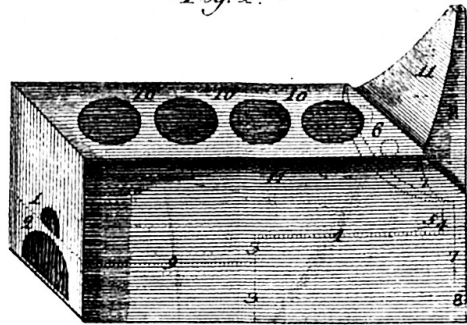


Fig. 2.

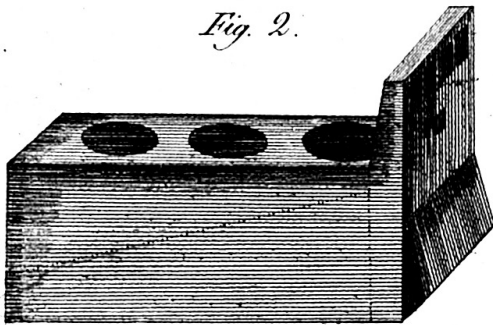


Fig. 2.

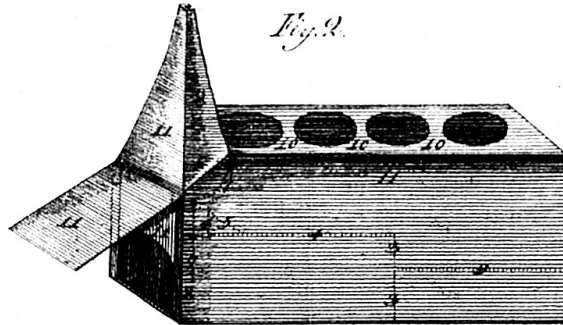


Fig. 3.

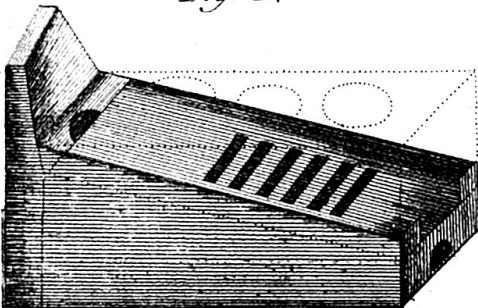
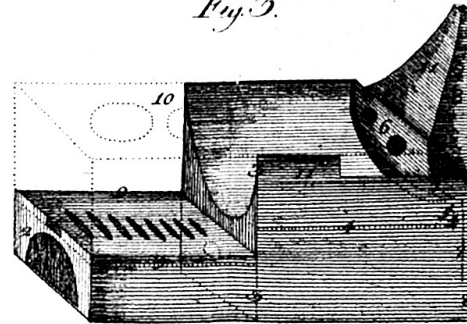


Fig. 3.



Reforma das fornalhas para vs Engenhos d'afucar do Brazil
por
Jerônimo Vieira de Abreu, vizinho do Rio de Janeiro, e Deputado
da Mesa da Inspeccão da mesma Cidade.
Lisboa 1797